

## RESENHA

SEBBAH, François-David. **Lévinas**. (Trad.: Guilherme João de Freitas Teixeira). SP: Estação Liberdade, 2009, 248pg. – (Figuras do Saber; 24)

Cristiano Cerezer<sup>1</sup>

Esta obra, mais que uma introdução, é uma análise lúcida do percurso filosófico de um pensador indispensável para a reflexão contemporânea sobre o “sentido do humano”; mais que isso, ela é um convite a encarar um “rosto provocador” no cenário filosófico, cujo nome cabe dizer: **Emmanuel Lévinas**.

F.D-Sebbah é agregado de Filosofia na *Universidade de Tecnologia de Compiègne*, além de ocupar um cargo de diretoria no *Collège International de Philosophie*. Em 2001 publicou “L'Epreuve de la limite. Derrida, Henry, Lévinas et la phénoménologie”. Além de diversos artigos e ensaios pertinentes publicou, em 2002, com parceria de Rodolphe Calin, o utilíssimo “Le Vocabulaire de Lévinas” - primeiro guia terminológico-propedêutico do pensamento levinasiano sob a forma de um vocabulário de conceitos-chaves. Eis as credenciais do autor-comentador.

Devemos acrescentar de início mais um detalhe: o título original da presente obra é “Lévinas, Ambigüités de l'alterité”. Isto revela já a chave da leitura de Sebbah, que é a (meta-) “lógica da ambigüidade” que opera no discurso levinasiano sobre a *significação ética da alteridade* no campo inter-humano como *outramente-que-ser*. Tal “estrutura de ambigüidade” estará constantemente presente nas relações entre: i. ética e ontologia; ii. subjetividade e alteridade; iii. fenômeno e enigma; iiiii. ethos e logos; iiiiii. Filosofia e judaísmo; etc.

A estruturação do texto se dá em “cinco capítulos”, respectivamente em apontamento sintético:

– Cap.1. *Ler Lévinas, hoje* – fala da atualidade e da importância da filosofia levinasiana, bem como do modo mais fecundo de ler e compreender o pensador franco-lituano (pp.31-42);

– Cap.2. *O Rosto, a ética* – versa sobre o tema do Rosto (*visage*), suas figuras e precisões, bem como sua importância na descrição do *estatuto originário da alteridade* e da *significação originária* a ela vinculada. Analisa a força do rosto como

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia do Centro Universitário Franciscano (UNIFRA) E Doutorando em Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: [cristianocerezer@gmail.com](mailto:cristianocerezer@gmail.com).

“apelo” ou *exigência ética* que desperta o sujeito para o *inter-humano*; a relação entre as noções de Outro e de Infinito na descrição da Transcendência; as “figuras de alteridade” ligadas a diversos níveis e graus de *auto e hetero-afecção*; a ética levinasiana da *perseguição como acentuação obsessiva* da “prova de outrem” para uma subjetividade constituída como passividade investida diacronicamente por uma responsabilidade inalienável (pp.43-95);

– Cap.3. *Lévinas e a Fenomenologia* – mostra o percurso fenomenológico levinasiano que vai da exegese, passando pela apropriação crítica e indo até a (trans-) “ruptura” através da radicalização do método por acentuação da concretude originária/gesto redutivo. Aponta também para o papel da “escrita hiperbólica” levinasiana que funciona ao modo de torção, deformalização e sublimação das noções conduzidas a liberar seu “sentido ético oculto” ou implícito (pp.97-147)

– Cap.4. *Lévinas e o judaísmo* – precisa a relação entre a prática filosófica e a inspiração judaica no autor, bem como distingue e esclarece as designações “pensador judeu” e “judeu filósofo”. Mostra a relação entre *inspiração e interpretação*, aponta para o diálogo Israel-Grécia encetado por Lévinas de forma crítico-reflexiva, analisa a questão do *aspecto carnal do Rosto e o amor/Desejo* na relação entre Judaísmo e Cristianismo (pp.149-185);

– Cap.5. *História, política e Justiça, segundo Lévinas* – aborda a relação entre história (sincronia) e acontecimento (diacronia) no itinerário levinasiano que aportará na questão do *messianismo* e da utopia; o *problema do mal* e a *questão do sentido* aparecerão, seguidos da análise da *justiça* posicionada entre a *responsabilidade ética* e o *conjunto político*, finalizando com uma consideração do papel do “Terceiro” na instauração da “ordem racional” (pp.187-218).

Tal pontuação sintética não nos isentará de abordar o texto mais de perto, trazendo à tona alguns aspectos interessantes da análise de Sebbah.

Logo no início da *Introdução*, Sebbah confessa o desafio imposto pela obra levinasiana, devido à sua audácia e originalidade; não obstante, ele convida a “por à prova” tal pensamento, a experimentá-lo, a lidar com suas “torções” e seguir seriamente suas implicações. Advertência inicial: não se deixar levar pelo preconceito “preguiçoso” que negligencia o autor ou por sua estranheza ou por sua celebridade tardia. Tais

preconceitos tenderiam a criar uma “caricatura” que encobriria o “rosto verdadeiro” – provocativo – do autor com uma “máscara” desfigurada. Este é, precisamente, o risco de um pensamento desafiador cuja recepção obriga à acuidade da escuta e à lucidez “desembriagadora”, além de pensar a alteridade enigmática que significa ao ultrapassar sua “aparência”.

O original de Emmanuel Lévinas (1906-1995) consistiria em entrever na *relação ética* a origem da significação enquanto *instauração do sentido inter-humano*. Tal “relação” não será mais descrita em termos de saber ou de ontologia, mas brotará (como hemorragia) da *concretude carnal individual da alteridade* que advém fazendo face à uma *subjetividade sensível*. Chama-se Rosto à prova da alteridade pela qual outrem, na sua proximidade, desperta eticamente o sujeito e abre a significação. Não é mais em termos de “ser” e seu “logos” (*onto-logia*) que se falará; o filósofo franco-lituano ensina que é necessário evadir-se para *além* do ser a partir de um *aquém* irreduzível, que o sentido é “outro que o ser”. Portanto, a *transcendência ética* – a significação inter-humana – se dirá em termos de *outramente-que-ser*. “Ler Lévinas é aprender que a ética é a interrupção da ontologia e, assim, origem de toda a significação” (p.21).

Lévinas é um pensador do *excesso* e da *exceção*: “excesso” de significação do Outro frente ao Todo, subjetividade como “exceção” ao ser. Por isso mesmo seu pensamento é “desestabilizante”, algo “intempestivo”. Além disso, ele se constrói como reação inovadora ao anti-humanismo manifesto nos “Horrores do Século”. Mas por que e como ler Lévinas?

Em primeiro lugar, por sua capacidade de “inspirar” e “desestabilizar”. E isto significa a exigência de “pensar sobre” a partir de algo “que se sente”, de “fazer a experiência”. Lévinas comporta um “traumatismo latente” capaz de despertar o leitor para o caráter fundamental de uma *ética diacrônica e an-árquica*. Desse modo o pensamento levinasiano dá *testemunho do outramente-que-ser*, convida a “ser inspirado” e a “testemunhar”. O rigor e a ousadia de sua filosofia se reclamam mutuamente e se aprofundam na medida que esta progride; pensá-la implica vivenciá-la, deixar-se animar e perturbar por seus movimentos, mas jamais ficara desatento ou negligente (Cap.1).

Em segundo lugar, pela “densidade” problemático-conceitual de sua filosofia. Os temas da *alteridade* e da *transcendência* estiveram presentes desde as primeiras obras de Lévinas. Contudo, é com a noção de Rosto (*visage*) – à qual se acrescentará posteriormente a de Vestígio (*trace*) – que ambos os temas se fundem e se aprofundam na auto-significação do Outro como *proximidade (face-a-face)* de outrem. Há em Lévinas toda uma *teoria fenomenológica da alteridade* que culmina na *gênese da significação* a partir do *Rosto como apelo*. Outrem “faz face” desestabilizando sua imagem e, nessa “desordem”, introduzindo um *sentido* a partir da *exigência* que sua alteridade impõe. A *heteronomia do rosto* é questionamento do eu solitário, inversão do egoísmo, orientação para-o-outro. O *Visage* afeta o eu ao atingir/imprimir o *Vestígio* de uma *transcendência diacrônica* – não-recuperável – na *anarquia da subjetividade*. Esta é “an-árquica” porque, antes da *arqué* como *cogito* ou como ser-aí, pré-teoricamente, ela é *afetividade* e sensibilidade. Haveria uma “espessura antropológica” do sensível, uma *significação afetiva* da alteridade (p.67). E o *acontecimento da alteridade afetando a subjetividade* significaria *aquém* do “cogito” e *além* da morte (p.85), apesar da auto-consciência e da mortalidade. A proximidade de outrem exprimiria o paradoxo do Desejo e da Obsessão do eu que, em sua responsabilidade inalienável, é eleito e perseguido pelos outros (Cap.2).

Sebbah concorda que a *radicalidade* de Lévinas, à primeira vista “assusta”; mas acrescenta que há o esforço levinasiano de assegurar a *in-definição*, o “não-definitivo”, que garante e impõe o *re-começo* (p.95). Tal procedimento seria consequência da apropriação crítica, da radicalização e do “uso levinasiano” da fenomenologia (Cap.3). Lévinas, ao ler criticamente Husserl a partir de Heidegger e vice-versa, acaba se apropriando e radicalizando as noções de *intencionalidade* e *afetividade*, bem como a *questão do acesso* implicada na significação (pp.110-18). Isto acarretará uma radicalização da *Redução fenomenológica*, procedendo uma “tripla epouqué”: da objetividade, da mundaneidade, da essência. Surge o tema operacional da “redução” como *interrupção ética* da essência ou como recondução do Dito temático ao Dizer pré-originário (pp.127-30/133). Por fim, tratará de mostrar que Lévinas é um criativo e incansável “trabalhador de noções”, isto é, um “filósofo escritor” envolvido no ousado afã de “dizer o indizível” e “fazer falar o Infinito” (pp.140-147).

Haveria ainda algo a dizer sobre o “judaísmo” de E. Lévinas, e Sebbah o faz muito bem (Cap.4). Recordando certa polêmica com Lyotard, indica que Lévinas é, mais que um “pensador judeu”, um “judeu filósofo”; ou seja, o judaísmo lhe serve de “inspiração” sem que isso contamine ou diminua a validade de seu “trabalho filosófico”

(pp.151-63). Trata-se de uma “filosofia inspirada” sem perda de racionalidade, ou, dito de modo distinto, é um diálogo Israel-Athenas sobre o “Sentido”, em que o pensador “extraí do cerne do judaísmo [um] *outramente-que-saber* que me relaciona com o *outramente-que-ser*” (p.158)

Profetismo (outro-no-mesmo, vocação inspirada) aliado a um Messianismo (Um-pelo-Outro, unicidade ética), testemunho de um excesso que obriga a “re-dizer” o dito, *inspiração* que precede e “(re-)anima” a *interpretação*, fenomenologia “de (trans-)borda” e *hermenêutica ética* (pp.161-85): eis, para Sebbah, a “ousadia rigorosa” levinasiana.

Entretanto, toda essa *radicalidade* deve se aliar à exigência de *universalidade*, e, assim, o *acontecimento* digamos “pré-histórico” *da responsabilidade* deve ser moderado e mensurado na *ordem política* que lhe é derivada e que não o esgota. É precisamente a *questão da justiça* que conecta a “assignação ética individual” e a “equidade institucional”. A justiça nasceria, segundo Lévinas, do advento do “Terceiro” (*tiers*) homem ao lado da frontalidade do “face-a-face” dual, o que exigiria uma “comparação de incomparáveis” para que a violência da proximidade e o mal potencial das relações sejam moderados por *leis justas* e uma *razão de estado/estado* de razão. A *universalização* nasceria dessa “exigência de comparação” (justiça) sem, contudo, esgotar a força da *individuação-significação ética* que opera sempre “ao fundo”. Haveria, portanto, uma *alternância/intermitência* do universal e do individual, do ontológico e do ético, da ordem e da desordem, por onde (es/trans-) corre o *sentido* (Cap.5).

Finalmente, Sebbah conclui que a obra levinasiana é ela própria uma “injunção ética”, isto é, ela faz face a cada um convidando a “fazer a experiência” por si mesmo dessa “prova”, a dar testemunho da vida provocativa nela presente como “vestígio” de seu autor-filósofo e de sua inquietação filosófica. Pois, “por sua ambigüidade ou

intermitência, o pensamento levinasiano é preservado de qualquer fixação no ser ou no Dito temático, permitindo-lhe renascer, incessantemente, de novo” (pp.239-40).

Fazendo uma avaliação geral da obra de Sebbah, ela explora o pensamento levinasiano de maneira hábil e provocativa, sobretudo ao lançar mão das noções de alternância entre o Dizer (ética) e o Dito (ontologia) e de funções de ambigüidade ao interpretar a filosofia de Lévinas como uma fenomenologia hiperbólica que abre/rompe as conceituações e reconduz à uma experiência radical do que se quer descrever. Portanto, em Lévinas, não se trata tanto de descrever as experiências de alteridade e responsabilidade mas de reconduzido a elas, reativá-las em seu sentido mais sensível e profundo, concreto. Contudo, por mais que Sebbah explore muito bem o aspecto fenomenológico do pensamento levinasiano, parece que este aspecto precisa ser aprofundado em seu texto. Ao analisar o “uso levinasiano da fenomenologia”, Sebbah acertadamente explora a ideia de “quebra do mundo” ou “ruptura da totalidade do aparecer” como um fio condutor de análise da apropriação crítica que Lévinas faz do método fenomenológico. Haveria ao mesmo tempo uma instauração e uma interrupção mútua do ontológico e do ético no discurso levinasiano – o estatuto desta alternância também deveria ser melhor desenvolvido. Não obstante, a obra de Sebbah é recomendável e muito bem escrita, servindo de boa introdução ao seio de uma filosofia viva e desestabilizante cuja voz tem um Rosto: Emmanuel Lévinas. Sobre a obra levinasiana François-David conclui:

Pelo mesmo impulso, esta obra é a injunção, dirigida a cada um, no sentido de fazer a experiência por si mesmo dessa prova, tentando elaborar – segundo o próprio estilo e o próprio ritmo – um testemunho a seu respeito. Neste sentido somente é que se trata verdadeiramente da obra de um mestre (SEBBAH, p.240)

Recebido em 29/12/2012  
Aceito em 30/12/2012